

JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES JÚNIOR

(Discurso pronunciado no Salão Nobre da Faculdade de Direito da UFRGN, na noite do dia 30-4-68., por ocasião da posse do acadêmico JÚLIO ERNESTO DE FARIA na Presidência do Diretório Acadêmico "AMARO CAVALCANTI").

B869.04
R.696 d

[Promoção do Dept. Cultural do DAAC]

Presidência do Diretório Acadêmico
6/68

JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES JÚNIOR

869.50
R 696 d

B869.04
R696 d

(Discurso pronunciado no Salão Nobre da Faculdade de Direito da UFRGN, na noite do dia 30-4-68., por ocasião da posse do acadêmico JÚLIO ERNESTO DE FARIA na Presidência do Diretório Acadêmico "AMARO CAVALCANTI").

BIBLIOTECA
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

[Promoção do Dept. Cultural do DAAC]

Instituto Histórico e
Geográfico do Rio
Grande do Norte
N.º Reg. 14.144

JOSE ERNESTO HERRERA LEON

(Discurso pronunciado no Salão Nobre da Real-
dade de Direito da URON, na noite
de dia 30-4-88, por ocasião da posse do
acadêmico JÚLIO ERNESTO DE VÁRIA
na Presidência do Distrito Acadêmico
"AMARO CAVALEANTI")

BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO NORTE

O acontecimento que ora presenciamos se reveste da mais elevada significação para os Universitários do Rio Grande do Norte, notadamente para os que fazem esta Faculdade de Direito. Assim o dizemos porque sempre soubemos dar lição de democracia aos que dizem agir e trabalhar em nome dela. Todos os esforços empreendemos para que a campanha política se transcorresse dentro do clima de harmonia em que se desenrolou. Nenhuma alteração houve que pusesse uma curva na reta do processo democrático com que sempre temos nos empenhado nas lutas políticas, ou nas menores atividades dentro desta Escola. Porque somos estudantes conscientes, por isso é que não permitimos que nossa liberdade fôsse ameaçada pelos que — movidos por interesses escusos, tentam cercear a liberdade alheia em nome de uma tradição que dizem defender.

Grande é a alegria que vemos estampada na face de cada colega, porque grandes têm sido os exemplos de espirito democrático que norteiam a nobre classe estudantil brasileira. Hoje, essa alegria se eleva, ainda mais, quando se vê respeitada a vontade de uma maioria, quando se vê respeitado o voto, o poder de escolha de cada colega, elegendo, livremente, sem o poder das injunções político-par-

tidárias, os novos dirigentes do Diretório Acadêmico “Amaro Cavalcanti”, órgão de tradições gloriosas, e por isso mesmo já incorporado à vida e aos anais da história universitária deste Estado.

Neste momento, sela-se definitivamente o voto de confiança que demos aos colegas para dirigirem nosso centro acadêmico. Hoje, a soma de responsabilidade de que se revestem todos os cargos do nosso Diretório, é transferida oficialmente aos que, de agora por diante, têm a seu encargo a difícil, porém nobre, a árdua, porém bela, a incansável, porém brilhante, tarefa de trabalhar sempre moldados dentro do sistema de tradução dos mais justos e ardentes anseios, das mais sérias reivindicações de uma classe cujo objetivo tem sido o de trabalhar para que sejamos cada vez mais um povo menos pobre, para que, cada vez mais, sejamos o protótipo de uma povo que, lutando contra todas as dificuldades possíveis e admissíveis, encontrará, num futuro bem próximo, sua emancipação político-econômica.

Os colegas de outras escolas confiam na administração dos, agora, dirigentes do Diretório Acadêmico “Amaro Cavalcanti”. Nos que agora estão investidos de dirigentes dêsse órgão de representação máxima dos estudantes de Direito. Esperam sua adesão ao movimento que se trava desde muitos anos para se conseguir aumentar o número de vagas nas nossas faculdades; para que se consigam meios de aproveitamento dos que, no exame vestibular, foram aprovados e não puderam estudar. Há de se estabelecer um controle de normas de trabalho a fim de que todos, unidos, juntem suas forças e continuem a batalhar pela conquista de um ideal comum: o direito de estudar.

Não se desconhece a significação de um Diretório perante os estudantes, perante o povo. Longe de ser o Diretório meio de satisfação pessoal é o de realização do estudante: no sentido político, no sentido de mostrar a si e aos que o cercam, sua conscientização política. Seu rompimento com formas de costume arcaicas e obsoletas, as quais nunca conseguiram, até nossos dias, nada fazer em benefício do desenvolvimento dos povos.

A parcela de luta que nos cabe, no momento em que o mundo anda às portas de uma guerra total, faz parte dos nossos deveres como estudantes, das nossas atividades como integrantes do árduo processo de desenvolvimento desta nação carente de recursos materiais e humanos. Ao pronunciarmos "*carente de recursos materiais e humanos*" não queremos dar a entender que não sejamos, em potencial, o país mais rico do globo terrestre. Queremos nos referir às condições de trabalho, às condições psicológicas que faltam ao operário brasileiro para que ele desenvolva, em média, o necessário. Essas condições psicológicas, essa sua não existência, são efeitos de uma política econômica mal orientada. Por isso é que somos, também, por extensão, um povo sem os recursos técnico-humanos capazes de gerar progresso nos seus mais variados sentidos.

Por isso (e para isso) que somos estudantes. Para que sintamos desde logo as deficiências existentes nos métodos educacionais do país. Para que corrijamos todos os defeitos possíveis a fim de que possamos um dia olhar o futuro com tranquilidade, sair de uma escola superior sem o medo da concorrência desleal, porque haverá lugar para todos: porque todos terão seu lugar ao sol. E para que os

profissionais, médicos, advogados, engenheiros, geólogos, odontólogos, economistas, analistas, farmacêuticos, etc., terminem um curso especializado e tenham a certeza de que poderão exercer livremente sua profissão, suas atividades, necessita-se urgentemente de se construir meios de dar ao povo certo poder aquisitivo, de se fazer a todo custo um mercado de trabalho com os recursos de que dispomos, com a ajuda dos que querem nos ajudar, com o concurso de forças dos que nos desejam, também, um progresso de acôrdo com as necessidades de um país com metade de sua população analfabeta; com grande parte do povo pedindo esmolas, com um número de médicos muitíssimo abaixo de suas necessidades, com irrisório número de hospitais para abrigar os doentes; com um índice de mortalidade infantil que ocupa lugar de destaque no mundo inteiro; com milhões de mulheres apodrecendo nos prostíbulos, com uma infância e uma velhice desamparadas; com os presídios repletos de criminosos de todos os matizes. Com um quadro dêsse tipo, longe está de nascer em nós a luz da esperança de que muito se fala. Porém não é impossível apagar êsse quadro, passar uma esponja e deixar que o trabalho sadio, os esforços de um povo que quer trabalhar, que clama por melhores dias, encarregue-se de, naturalmente, pintar a mais bela paisagem com que tanto sonhamos: um país sem fome, nem analfabetos, sem crianças morrendo nas calçadas, sem mulheres implorando migalhas em troca de horas de pseudo prazer sexual.

Pesa-nos saber que somos assim: um povo mutilado, um povo inconformado. Um povo doente pela própria natureza. Entristece-nos saber que inauguramos um presídio com a mesma alegria com que inauguramos uma escola. No nosso entendimento

a criação desta evita a construção daquele. Porque uma evita que se criem moradores para o outro. Pois entendemos que cada escola que se abre é mais uma cadeia que se fecha. É mais um cabaré que se extingue. São menos mulheres que vão fazer parte de um mercado onde o homem, movido por frustrações de que, diretamente, não é culpado, transforma-se em lobo do próprio homem. São menos pessoas que deixam de constituir pesos mortos no processo de desenvolvimento do país, e vão aliar-se aos que tiveram oportunidades de serem dignas para si, para sua família e para o país a que pertencem

Longe estamos da época quando se atribuía ao estudante apenas a função, não de estudar, porém de decorar lições em casa e no dia seguinte, sob o temor e ameaça de uma palmatória, dizer de cór e salteado o que se tinha decorado. Era assim que o aluno se projetava como o mais brilhante da classe: pela sua capacidade de decorar. Seria êle, por acaso culpado dessa esdrúxula forma de ensino? Entendemos que não. Mas êle não tinha a necessária compreensão para saber disso: do efeito negativo desse sistema de ensino. Essa condição passiva, êsse escravizamento mental a que estava submetido, foi desaparecendo à proporção que os setores responsáveis pela organização do nosso ensino sentiram o péssimo rendimento escolar dos alunos de então. Assim, desfez-se a *imagem do professor* como sendo extremamente superior ao aluno, como sendo figura mitológica, como sendo o dono da sabedoria universal. Remanescentes dessa época ainda existem, porquanto nós presenciamos crianças encararem a figura do professor como a pessoa que sabe de tudo, como a que, juntamente com os pais, está encarregada de resolver tôdas as dúvidas. Mas, o que é pior acontece: além de não resol-

verem, não procuram, por outro lado, tirar da mente da criança essa idéia de superioridade. Hoje, apesar dos pesares, em determinados estabelecimentos escolares o professor mostra aos alunos ser apenas um estudante orientador, um amigo, com mais experiência, porque tem certeza de que o conhecimento não é propriedade de ninguém, muito embora estudar ainda seja privilégio de uma minoria.

Outro aspecto importante da luta que os estudantes universitários, aliados aos colegas secundaristas, encetar no intuito de corrigir uma série de erros que existem nos quadros da nossa sociedade, diz respeito às discriminações sociais existentes em pleno século das descobertas científicas, quando ainda se procura admitir a superioridade de côr, e a superioridade do homem sôbre a mulher. Cientistas os mais cultos, pesquisadores, dedicados antropólogos, naturalistas, nada conseguiram provar com respeito à superioridade de uma raça em relação às demais. Todos somos dotados da mesma capacidade de assimilação, não importa que seja branco, preto, amarelo, vermelho, etc. O que entram em jôgo são as condições em que vivem uns e outros, daí a disparidade existente entre o progresso de um país e outros. Enquanto perdurar êsse clima de hostilidade entre pessoas, não procurando umas às outras para um diálogo em tórno de um ideal comum, a humanidade viverá sempre nesse clima de tensão nervosa.

O mundo tem provado através dos séculos nada ter conseguido com as guerras. Pois elas destroem os poucos homens que ainda podem fazer muito pela humanidade. Por isso é que entendemos que as guerras, antes de ser causas, são efeitos de

situação em que vivem muitos povos. Hoje, assistimos ao desenrolar da mais sangrenta guerra da História: a guerra do Vietnam. O poder de destruição, a vontade de se auto-destruir leva o homem a ficar indiferente aos apelos dos líderes mais autênticos dêsse mundo conturbado: Referimo-nos ao Papa Paulo VI, ao filósofo inglês Bertrand Russel, ao falecido Martin Luther King, líder pacifista negro, morto de maneira tão brutal. Homens de ideologias político-religiosas diferentes, porém movidos pelo mesmo entendimento que une os homens de boa vontade: o supremo desejo de que a humanidade tenha consigo a Paz tão almejada. São as vozes dos estudantes de todo o mundo que se ouvem clamando contra a brutalidade da guerra, contra as arbitrariedades que se cometem dia a dia, em nome e por uma liberdade que se diz está na iminência de ser perdida. Mas o mundo inteiro está em crise: no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na Alemanha, na Polônia, na Tchecoslováquia, na Espanha, na China, e em tantos outros países, a situação parece ser geral. Há um inconformismo em todos os sentidos: os povos de todo o mundo já não suportam viver dentro de sistemas ditados e pré-estabelecidos por uma minoria que — ao que parece — não quer respeitar a voz do povo, a vontade do povo, mas esmaga as manifestações do povo em nome da democracia.

De que valem os esforços de um Christian Barnard para prolongar a vida de uma pessoa, quando milhares morrem dia a dia num campo de batalha? Parece até um paradoxo. Se por um lado, cientistas do mundo inteiro, se reúnem para estudar fórmulas de combate ao câncer e outras moléstias incuráveis, por outro lado os líderes do mundo ocidental sentam-se à mesa para discutir quantos ho-

mens vão mandar para morrer no Vietnam. Para resolver quantas famílias ficarão sem pais, quantas pessoas morrerão debaixo das balas de uma metralhadora anônima, quantas vidas sucumbirão na lama do Vietnam!

Prezados colegas, caros professores:

Por mais que concentremos nosso pensamento não entendemos para que servem as guerras. Em nome de quem, em favor de quê elas são feitas? O mundo ainda não se refez dos estragos que a última guerra mundial causou. Hiroshima e Nagasaki ainda sofrem as consequências de uma bomba atômica. A loucura de uns ainda provoca a infelicidade de milhares de crianças que nascem defeituosas. A atitude impensada e ambiciosa de uns poucos que quiseram dominar o mundo, ainda é sentida quando vemos a Alemanha dividida em quatro pedaços, os pequenos e indefesos países da Europa lutarem dia e noite para reconstruir aquilo que outros destruíram. Para refazer uma economia destruída por homens que sonharam com o impossível: dominar o mundo. O saldo dessa guerra todos conhecemos: a Europa arrasada, seis milhões de judeus mortos em câmaras de gás e em campos de concentração. O mundo inteiro chorando o irremediável.

Mas nós não nos guiamos pelos atos dos que, longe de construir, destruíram. Guiam-nos palavras de uma menina chamada Ane Frank, que teve sua família trucidada pelos responsáveis da Segunda Guerra Mundial. Ante os horrores que ela presenciou, mesmo tendo vivido tão pouco, porém sempre angustiada, vendo seus familiares perseguidos e tratados como animais, por um único crime cometido: o de achar que, como humanos, tinham o

direito de pensar como melhor lhes conviesse. Mesmo em circunstâncias tão penosas, ela ainda pôde escrever um Diário, e nêle estas palavras: “Mesmo assim ainda creio na bondade humana”.

Os arquitetos do mundo moderno, cujas idéias e pensamentos foram tão combatidos, não desanimaram dos seus intentos quando viam e sentiam não ter a menor repercussão aquilo que procuravam dar à humanidade. Os ideais por que lutavam não foram alcançados na sua época. Hoje é que exaltamos as figuras de homens como Rousseau, Montesquieu, Einstein, Marx, Freud, e tantos outros. Foi preciso que o mundo progredisse muito para reconhecer o valor dos que lutaram no campo das mais diversas ciências para que o homem pudesse viver tranqüilo consigo mesmo e com o grupo social de que faz parte.

Sòmente hoje é que podemos avaliar a significação de certos movimentos políticos para se introduzir sistemas de govêrno democrático; pela conquista do sufrágio universal, pela participação da mulher na vida político-administrativa das nações. O progresso de que goza a humanidade, nos dias atuais, deve-se ao trabalho dos que deram maior parte de sua vida para salvar muitas vidas; dos que tentaram libertar o homem das injunções econômicas; dos que estudaram o comportamento humano e estabeleceram normas de convivência dentro da sociedade; dos que tiraram do costume do povo a fonte do seu Direito; dos que sempre acreditaram nas potencialidades existentes em cada pessoa humana. capazes de conduzir o mundo por caminhos diversos dos por que está seguindo.

Justamente porque em nome da liberdade se mantém a escravidão; em nome da democracia se

faz a ditadura; em nome do conhecimento se preserva a ignorância; em nome do povo só quem vota é uma minoria; em nome da justiça se pratica a injustiça. . . Por isso, prezados colegas, é que se deve construir um futuro melhor para a humanidade.

Muito obrigado! (Palmas prolongadas).

